

A hora do descanso

—Então, sr. Aninhas, que lhe parece a questão do Douro? —Esse barulho todo que por aí anda? Que me há-de parecer? Que o desassossego não tem acabamento. E' uma zaragata a acabar e logo outra a começar. Ai que tempos, que tempos, Mariquinhas! —Mas diga lá a sua opinião... —Eu sei lá... O meu homem já por lá tem falado disso, mas eu não prestei grande sentido. Nem sei bem o que é que eles pedem. —A coisa é esta: o governo fez um tratado com a Inglaterra para que lá não entrem com a marca «Pôrto» vinhos que não sejam de Portugal... —Isso é justo. Pois donde são os vinhos do Pôrto senão de Portugal? —Mais devagar, mais devagar: os vinhos do Pôrto são do Douro, da região do Douro. Não são nacionais, mas sim regionais, percebeu? —Mas então, que querem os homens? —Que não possam entrar na Inglaterra, nem ser lá vendidos, ou pelo menos que não possam sair de Portugal vinhos do Pôrto que não sejam da região demarcada do Douro, exportados pela barra do Pôrto. —Já entendo. E porque não lhes faziam a vontade? —Porque os do Sul diziam que também precisavam de vender o seu vinho, que a concorrência deles não podia fazer mal ao Douro, visto o Douro não poder produzir que chegasse p'ro consumo, e que bem lhe bastava ter sacudido a concorrência dos falsos vinhos do Pôrto estrangeiros. Que eram todos portugueses, filhos da mesma pátria, e que o governo não era só do Douro... —E olhe que os homens não deixavam de ter a sua razão. A pátria é só uma... —Duas, sr. Aninhas, duas: o Norte e o Sul. E' p'ra que saiba. Houve até quem falasse em guerra entre elas. O poeta Guerra Junqueiro, por exemplo. —Que me diz? O que escreveu a Pátria, que o meu homem está sempre a ler? —Esse mesmo, um dos representantes dos lavradores do Douro. Agora decerto vai escrever a Pátria Duriense.

—Vá, Mariquinhas, fale sério... —Mas que cuida vossemecê? Os do Douro também sabem falar em nome da pátria e dar razões patrióticas de peso. Dizem que a região do Douro só pode produzir vinho, ao passo que o Sul dá trigo e outros cereais, que tanta falta fazem ao país, que os tem de mandar vir de fora em grande quantidade. Se o Sul começa a poder vender vinho com boa marca, em condições vantajosas e em larga escala, não quer senão videiras, deixa opais sem cereais e mata a fome o Douro, que não pode dar outra coisa senão o seu «néctar precioso», e nem sequer poderá comprar ao sul os milhares de pipas de aguardente que lhe costuma gastar... —E na verdade, olhe que essa razão é também de peso. —Pois é; mas os do Douro sempre confiam mais em razões de Pêso... da Régua. —Quer dizer: na greve, nos tumultos, nos incêndios de repartições, nas ameaças? —E' como canta. —Mas a Mariquinhas não acha que cada terreno devia ser destinado aquilo que melhor desse, conforme as necessidades de todos? —Pois está visto que acho. Mas os proprietários, os donos das coisas, os que mandam no trabalho e na produção de tudo, querem lá saber da «pátria» e do bem de todos! Então eles produzem lá para satisfazer necessidades? O que eles querem é enriquecer, e quanto antes. Produzem o que se vender melhor e mais depressa, ainda que seja veneno em vez do pão que é preciso. E assim há-de ser sempre, enquanto as coisas forem de poucos e não de todos, como devia ser. —Já vejo que os figurões que falam em pátria é para encobrir arranjinhas e enganar os patos. —Boa lição que eles dão á gente, pois não é? E então aquela maneira de proceder? Pancadaria rija e roncav de grosso... —Mas também, se fôssem operários, haviam de ser tratados com outros modos... —Lá isso é verdade. Os grandes gritaram, ameaçaram e nada sofreram: não havia instigadores, não havia meneurs... Se fôssem operários, os delegados eram logo engaiolados... Mais uma lição! —Toca a entrar p'rá fábrica!

DIABO RUBRO.

migos; decidamos nós quando havemos de nos fazer amigos. Que o povo exprima claramente que detesta a guerra e todas as suas barbaridades e horrores, e a sua vontade, uma vez abertamente manifestada, será de per si suficiente. Não é possível uma guerra que seja oposta ao sentimento público. Esse sentimento já está a mudar, mas recêta exprimir-se. Fortaleçamo-lo com a nossa agitação, e estará preparado o caminho para a cessação da guerra. Quanto mais esperamos, mais danificadas são as nossas liberdades no país. Os partidos reaccionários em todos os países estão a aproveitar a guerra para bem dos interesses, e se a luta não acaba em breve, os homens das trincheiras verificarão ao regressar que se desvaneceu a liberdade, cuja defesa eles julgam a assegurar ali. (Do Freedom, de Londres).

Boas e más notícias

Le Réveil publica o seguinte trecho duma carta que recebeu de França: «Muitos dos nossos partiram para manear uma espingarda, na fé que poderiam servir-se dela para outro fim. Era o que eles julgavam compreender nos artigos dos revolucionários, e hoje estão bem desenganados e sentem raiva, porque os fluidram. A situação torra-se má na linha de fogo.» Também nós temos recebido notícias particulares, que mostram a incerteza e a angústia do momento. O descontentamento cresce em todos os países beligerantes. Em França tem havido algumas insubordinações, duramente reprimidas. Recentemente, foram fuzilados 40 homens, entre eles dois camaradas nossos. Por toda a parte, aumenta rapidamente o número dos que querem a guerra terminada, seja como for. Infelizmente, as notícias vin-

das de França são pouco satisfatórias. A reacção militar triunfa ruidosamente. A imprensa burguesa aproveitando bem o estado de espirito dominante, pregando á sua vontade sem contradição, só tra ta de conquistas e anexações e do ulterior desenvolvimento do poderio militar. As lições que ela tira da guerra são lições de técnica militar, destinadas a melhorar e fortalecer para o futuro o melhor instrumento de dominação capitalista e estatal. Quanto aos revolucionários, se alguns vão abrindo os olhos, outros mantêm a deplorável cegueira de principio, e muitos parecem ser desde já os incuráveis. As forças a opor á reacção que se anuncia são por um lado mui reduzidas, por outro muito desanimadas, de prestigio perdido, de ideias enfraquecidas e contraditórias. Os liés da primeira hora mantêm-se firmes — que sabemos, sem excepção. Na C. G. T., na Comissão Confederal, a remar contra a maré está quase só Merrheim, com o apoio decidido da Federação Metalúrgica, francamente ajudado por Péricat, delegado da Construção Civil, o qual não pode fazer mais por falta de apoio da sua organização. No partido socialista, começa a desenhá-se uma minoria partidária da paz seja como for. Há também os autmatistas. Mais é claro que nada podem dizer abertamente. Essas notícias não são inteiramente boas, é certo, e nós não gostamos nada de espalhar o desânimo. Mas sentimos também a necessidade de destruir certas ilusões e certos erros funestos. Demais, se as coisas correm mal num ou mesmo em todos os países beligerantes, mais uma razão para trabalharmos com afinco abm de impedir que seja geral ou prolongado e duradouro o triunfo provável, mas não certo, da reacção burguesa e militarista. Corações ao alto!

DOCUMENTOS PELA PAZ

Manifesto publicado no Rio de Janeiro

A guerra

Novo meses são já passados desde que rebentou o tremendo conflito que ensanguenta o solo da Europa. Centenas e centenas de milhares de homens — os mais fortes, os mais vigorosos — jazem no campo da luta, vítimas da imensa carnificina. Cidades, vilas, aldeias — da Bélgica, da França, da Sérvia, da Austria da Rússia, da Alemanha, da Turquia — tem sido incendiadas, destruídas, saqueadas, arruinadas sob a acção implacável das modernas máquinas de guerra. Já não tem conta as famílias empolgadas pelo horrível flagelo — a miséria, a fome, a orfanidade, o massacre, a devastação. Segundo cálculos autorisados e prováveis, as despesas com a guerra montam já, para todos os países em luta, a mais de 25 milhões de contos de réis. Tal o espectáculo pavoroso a que o mundo vem assistindo, assombrado, de ha nove mezes para cá. Mas como, porque e para que se desencadeou sobre a humanidade esta loucura guerreira?

Origens e causas da guerra

Os factos são bem conhecidos. A 28 de junho de 1914, o príncipe herdeiro da Austria-Hungria, Francisco Ferdinando, e sua esposa caíram assassinados, na cidade de Serajevó, vítimas da vingança do patriota sérvio Grávillo Princip, que assim supunha livrar a pátria dos seus piores inimigos. Tenssesimas se tornaram então as relações entre os governos da Sérvia e da Austria-Hungria. Estabeleceu-se o grave conflito diplomático. A opinião universal ficou como que suspensa, á espera dos acontecimentos. Os governos das grandes potências europeias agitaram-se, alarmados. O governo da Rússia, a pretexto de protecção á raça eslava, surgiu na arena dando mão forte á Sérvia, mais ou menos occultamente. Os governos da Alemanha, da França, da Inglaterra, da Itália entraram em jogo. As duas grandes alianças políticas e militares — Inglaterra, França e Rússia dum lado, Alemanha, Austria e Itália do outro — levantaram-se frente a frente, e entraram nas negociações diplomáticas. De rei para rei, de chancelaria para chancelaria, sucediam-se os telegramas. As conferências repetiam-se simultaneamente em Viena, em Belgrado, em Petrogrado, em Berlim, em Londres, em Paris, em Roma. Cada governo, cada rei proclamava as suas intenções pacíficas e pacificadoras, o seu ardente desejo de não perturbar a paz, o seu santo horror pela guerra. Entretanto, hora a hora, mais e mais se agravava a situação. Os grandes exercitos começaram a mobilizar-se, na sombra. Havia um surdo rumor fúidico, precursor da tristíssima tragédia. A atmosfera política e social de todo o mundo mostrava-se, cada vez mais densa, mais carregada, mais abafada, como em vésperas de grande tempestade. Os dias passavam-se assim, aflijos e sinistros. E, um mez depois, precisamente, chegava-se o fogo á mecha: no dia 28 de julho o governo da Austria declarou a guerra ao governo da Sérvia. Estava tudo perdido. Os acontecimentos precipitaram-se com uma rapidez fulminante. Uma semana após, as grandes potências da Europa engalfinhavam-se, provocando e reagalfinhando a maior guerra de todos os tempos.

Estes, em resumo, os antecedentes immediatos da conflagração. Se, porém, se examinar mais a fundo a questão, ver-se-á que o assassinio dos príncipes herdeiros da Austria nada mais foi, em tudo isso, que um bom pretexto para liquidar contendas antigas, que dia a dia mais se acirravam. Outras são as origens e as causas reais desta guerra.

Com o prodigioso desenvolvimento industrial moderno verificando-se, nos países de grande industria, uma superprodução em relação aos mercados nacionais, e daí a necessidade, para os mono-

polizadores dessa indústria, de procurar mercados novos além das fronteiras.

A este fenómeno, resultante da organização económica vigente da sociedade, dá-se o nome de «política de expansão» ou «política colonial.»

Como se pratica esta política de expansão ou colonial? De dois modos: pacificamente ou violentamente. Pacificamente, quando a conquista de mercados é realizada em países de certo adiantamento (como o Brazil); violentamente, em países ou regiões mais atrasadas e incultas (na Africa, na Asia).

A conquista pacifica de mercados sabemos nós como é feita: aí estão os capitais, as grandes empresas e casas importadoras inglesas, alemães, francesas, italianas, etc.

A conquista violenta tem como exemplos mais característicos e mais modernos: a India, a Kiao-Tchéo, Transwal, a Tripolitânia, Marrocos, são hoje colónias dependentes e conseguidas a custo de rios de sangue, pela guerra, pelo saque, pelo massacre.

Ora, varios são os países de grande industria, que praticam a política de expansão económica. O choque de interesses entre eles é, pois, fatal. A concorrência faz-se encarniçada. As rivalidades agravam-se, tornam-se cada vez mais ameaçadoras, disfarçadas embora pelas intrigas e mentiras diplomáticas. E um dia vem em que rebenta tudo... E' o caso da guerra actual.

A Inglaterra, com o seu imenso império colonial; a França, com as suas enormes regiões africanas; a Itália, com o seu recente expansionismo, a Rússia, com as vistas voltadas para os portos da península balcânica; a Alemanha, com a sua formidável concorrência pacifica infiltrando-se por toda a parte; os países balcánicos e a Turquia, com as suas velhas contendas e ambições reciprocas; a Austria, a enterrar as garras pelos territórios balcánicos, — prepararam, todas, calculadamente, durante muitos anos, a espantosa tragédia que ha 9 mezes se desenrola na Europa.

Patriotismos, honras nacionais, raças, defesas de culturas ou de civilizações, — tudo balelas com que se procura mascarar aos olhos do povo, o grande crime premeditado e cometido pelos governos ao serviço dos senhores da alta finança e do alto comércio.

O militarismo

E tam grande é o crime que nenhum governo dos países em luta quer tomar a responsabilidade de o ter provocado. Com efeito, pelos seus livros brancos, amarelos, azuis, alaranjados, etc., cada governo procura provar ao mundo que nenhuma culpa teve e que esta cabe exclusivamente aos inimigos.

A verdade, porém, é que todos eles são igualmente responsáveis.

Da concorrência comercial, das rivalidades industriais é que resulta principalmente a formação dos grandes exercitos e das grandes esquadras.

O militarismo tem dois fins capitais: um de ordem externa e outro de ordem interna.

O de ordem externa é, segundo a fraseologia burguesa, «dotar a pátria dum poder eficiente de defesa contra qualquer ataque estrangeiro». Como este é o argumento dos governos de cada país, pois nenhum governo forma exercitos e esquadras para atacar qualquer outro, segue-se que o argumento está errado: se nenhuma pátria se arma para atacar outra pátria, não ha perigo de ataque para nenhuma, e se não ha perigo de ataque, não ha por consequência, motivo de defesa. O argumento é logicamente falso, evidentemente mentiroso.

O que é verdadeiro é que os exercitos e as esquadras de cada pátria se destinam a prestigiar, a garantir a própria expansão económica em prejuizo das outras pátrias rivais, e daí o encontro fatal das forças contrárias. E' a guerra. A guerra actual não tem outra explicação.

O fim de ordem interna é duplo.

Paralelamente ao desenvolvimento industrial manifestam-se as lutas de classe, as lutas do proletariado contra o patronato. Os ope-

rários organizam-se e com tendencias revolucionárias, para a defesa directa dos seus interesses, para a resistencia á exploração dos capitalistas. Estabelece-se a batalha sindicalista, renhida, intensa, constante, com desfechos sangrentos, não raro. E' a desordem social. Surge então o governo, mantenedor da ordem. Mas o governo é da mesma classe dos patrões, é formado também por patrões, tendo portanto os mesmos interesses. E' claro, pois, que o governo está sempre ao lado dos patrões, ao lado de si mesmo.

Entra em scena o militarismo.

O grosso dos exercitos, os soldados, são homens saídos das classes operárias, arrancados á oficina, arrancados á lavoura. Metidos na caserna durante dois e tres anos, enquadrados numa disciplina rígida e ferós estes homens, jovens ainda, ali se embrutecem, se aviltam, se degradam, deixam de ser homens e transformam-se em autómatos. A caserna, aliás, já tem uma antecâmara na escola primária, onde aos filhos do povo se inculca toda uma série de preconceitos patrióticos e cívicos, fanatizando-os pelos hinos e pelas bandeiras, pregando-se-lhes como excelsas virtudes a resignação, a submissão, a humildade. Constituidos assim os exercitos de ex-homens, de máquinas de matar, já o governo conta com a força suficiente para manter a ordem, isto é, para guardar os interesses dos patrões, que são os seus próprios interesses.

E são estes ex-homens que seguem ainda para as fronteiras, a defender a pátria que lhes martelaram no cérebro tenro, quando na escola primária.

(Conclue).

A greve na fabrica de botões

Continuam em greve os operários da fabrica Portuguesa de Botões, Limitada.

Os grevistas, reunidos na sua associação de classe para apreciar uma tabela de preços elaborada pelos industriais, resolveram por unanimidade não a aceitar, pois se a aceitassem isso traria a ruina da classe alem da acarretar gravissimos prejuizos para todos os trabalhadores em geral e especialmente para a classe dos botões.

Estes operários que reclamam o trabalho a jornal e um pequeno aumento de 10 por cento, convenientes de que a sua causa é uma causa racional e humana, acham-se dispostos a lutar intemperadamente até obterem uma vitória completa.

E' por isso que numa reunião havida entre os delegados da classe, os patrões e o governo civil, os primeiros, ponderadas as razões principais que os levaram a declarar-se em greve, deliberaram não aceitar a proposta apresentada pelo industrial Silva Lima, vereador socialista, proposta essa que alem de não resolver o conflito mais o agravaria e mais desgraçada viria colocar a classe.

Assim, em virtude do exposto os grevistas entenderam continuar na luta, até as suas reclamações serem atendidas.

A's colectivid ides pede-se, portanto, que auxiliem moral e materialmente os grevistas, na certeza de que prestam um optimo serviço á causa da emancipação humana, dando tambem um exemplo sublime de solidariedade tam necessária em actos desta natureza.

Espectaculo

Ha grande entusiasmo pelo grandioso espectáculo que o Centro B. E. Social recorre no Teatro Antero de Quental, no domingo 8 de Agosto proximo, em beneficio da sua escola noturna.

O programa, conforme temos dito, compõe-se das excellentes peças do Teatro Livre — «O Triunfo» e «Amanhã».

Tambem se representará, pela primeira vez, a revista social — «Fitas Faladas».

Num dos intervalos do espectáculo, o distinto discursor Serafin Batista recitará a bela poesia — «Perdida e Achada».

Os poucos bilhetes que ainda faltam vender encontram-se á venda na redacção deste jornal e na séda do Centro promotor, rua das Antas 218.